



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CAIXO TEIXEIRA DA SILVA

**LITERATURA NEGRA: ANÁLISE DO CONCEITO DE ESCRIVIVÊNCIA A
PARTIR DO LIVRO QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

CAIO TEIXEIRA DA SILVA

**LITERATURA NEGRA: ANÁLISE DO CONCEITO DE ESCRIVÊNCIA A
PARTIR DO LIVRO QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA**

Trabalho apresentada para o Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

CAIO TEIXEIRA DA SILVA

**LITERATURA NEGRA: ANÁLISE DO CONCEITO DE ESCRIVIVÊNCIA A
PARTIR DO LIVRO QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA**

Trabalho apresentada para o Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 29/05/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio Orientador

Doutor em Teoria Literária e História da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença - Examinador

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, Brasil.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade - Examinadora

Doutor em Doutorado em Ciências Sociais, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FFCH, da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	ESCREVIVÊNCIA	7
1.2	QUARTO DE DESPEJO – DIARIO DE UMA FAVELADA – CAROLINA MARIA DE JESUS	8
2	PROBLEMÁTICA	9
3	OBJETIVOS	9
3.1	GERAL	9
3.2	ESPECÍFICOS	9
4	JUSTIFICATIVA	10
5	REVISÃO DE LITERATURA	11
6	METODOLOGIA	14
7	CRONOGRAMA	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa, considerando o lugar da autora Carolina de Jesus no contexto literário brasileiro, tratará do conceito de literatura negra. A respeito da formulação do conceito, Cuti (2007) nos ensina que “a Literatura Negra é localizar uma desconstrução a partir do lugar de onde parte o discurso. Essa desconstrução não diz respeito tão-somente à produção, mas também à recepção ou, melhor dizendo, à relação de ambas”.

Além dessa categoria de enquadramento e de análise, o estudo trará, conforme dito no resumo, outros conceitos e noções textuais formulados por estudiosos, autoras e autores negros brasileiros. Os pontos aqui apresentados, incluindo de modo central a escrevivência, serão mobilizados para o entendimento da obra de Carolina.

A propósito de escrevivência, o conceito possibilita o estudo da obra de Carolina de Jesus e, ao mesmo tempo, questiona a redução apenas autobiográfica da sua produção. Ela fez literatura. Conforme o conceito ou formulação feita por Conceição Evaristo, a escrevivência é:

[...] a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. Esse conceito estético que está fundado no termo que eu uso, “escrevivência”, nasce de um processo ligado à História. A História dos africanos nas Américas. Muito relacionado à própria figura da mulher (Evaristo, 2018)

De acordo com o exposto no parágrafo acima, a Literatura negro-brasileira situa-se na recuperação da história do negro na diáspora brasileira; trazendo á tona o resgate das tradições culturais e religiosas no Brasil, destacando um imaginário circunscrito muitas vezes na escrevivência que liga a escrita à vida, à oralidade, à memória, ao presente e ao futuro.

Alguns autores (a) trazem conceitos que carregam elementos que dialogam entre si com os conceitos formulados por Cuti, que dizem respeito á produção de texto relevando o ponto de vista de um determinado sujeito étnico. O pesquisador, de acordo com o informado no resumo do presente trabalho, também enuncia a necessidade de construção de um leitor ideal elucidando a importância da recepção para a literatura negro-brasileira. Na mesma perspectiva, o escritor e pesquisador Fausto Antonio traz a importância da recepção que constrói o conceito de coautoria. Esses Conceitos, conjugados ou encruzilhados com as noções textuais da negrura, em concordância com que explana o escritor e estudioso Fausto Antônio, são meios para chegar ao conceito do que é literatura negra. Sendo assim:

A problematização do que é literatura afro-brasileira passa ser uma determinação interna. Temos, então, a busca da autoria, a busca da negrura textual que evidencia a passagem do enunciado para autor/escritor. O que é literatura ou o que é literatura negra deriva para a noção textual da negrura. Antecede a noção textual a criação de uma rede na qual se processam os discursos, as ideias, as teorias e sistemas de ações com os quais os (a) escritores (a) vão se contrapor ao racismo brasileiro (Fausto, 2005, pg. 84)

No parágrafo acima Fausto ainda acrescenta que “a literatura negra está ligada a uma rede ou a sistemas de discursos, ideias, teorias e ações. (Fausto, 2005, pg, 83)”. Essas vozes/escrita da negrura em formas textuais introduziram a quebra de estereótipos sobre o negro, os personagens, o cotidiano e as manifestações culturais negras transfiguram essa imagem da realidade para os textos. Conforme Martins: “a voz e a grafia afro-brasileiras insistentemente inscrevem a memória desse saber e dessa experiência, estética e ontológica, nos repertórios da cultura e da literatura” (Martins, 2007, pag 57)

Considerando os autores citados, a denúncia do racismo, a valorização do protagonismo e da auto estima contribuem para a construção de uma identidade negra.

Neste sentido, Domício Proença Filho, no artigo “A trajetória do negro na literatura brasileira” (2004), traz a reflexão do negro-tema e negro-vida. Segundo o autor negro-tema é tido como objeto de um discurso descrito pelo outro, temático, em uma visão distanciada e com estereótipos. O negro-vida é aquele e aquela que é protagonista, que tem um lugar de fala, isto é, ele é o sujeito da história.

O protagonismo de negros e negras é uma questão problemática desde a fundação da literatura brasileira. E a discussão marca recorrentemente dois posicionamentos, a saber, o negro como objeto, ou seja, como negro-tema sempre descrito pelo outro numa visão distanciada, com estereótipos negativos. (Proença, 2004). E há também o negro como sujeito, ou seja, como negro-vida, como protagonista da história. Sendo assim, Zilá Bernd (1992) acrescenta: “considere a existência de uma literatura negra, que se diferencie daquela literatura que apenas tematiza o negro, pelo surgimento de um “eu-enunciador” que se quer negro, assumindo posicionamentos políticos e ideológicos”.

Como exemplo de uma atitude compromissada, temos, no plano coletivo, o Teatro Experimental do Negro e os Cadernos Negros. TEN e CN são movimentos literários que exemplificam o protagonismo e a resistência negra na literatura. Igualmente há autores e autoras que sintetizam os mesmos valores delimitados pela categoria negro-vida ou comprometido. Temos por exemplo, Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Lima Barreto, Luiz Gama, Zilá Bernd, Fausto Antonio, Esmeralda Ribeiro, entre outros.

A escritora Carolina Maria de Jesus também faz parte desse processo de protagonismo e de construção de uma posição que revela o negro-vida. A obra “Quarto de despejo – diário de uma favelada” é um exemplo de narrativa que materializa a necessidade do protagonismo e da valorização do lugar de fala de negros. Dessa forma, segue abaixo, na conceituação de escrevivência, um ótimo exemplo de posição de autoria e de valorização do protagonismo ou de lugar para revelar o sujeito étnico da escrita.

1.1 ESCREVIVÊNCIA

A escrevivência é uma concepção de Conceição Evaristo para designar a influencia das suas vivências na criação de sua produção literária. No dizer da autora: “Eu poderia dizer que esse conceito estético que está fundado no termo que eu uso, ‘escrevivência’, nasce de um processo muito ligado à História. A História dos africanos nas Américas. Muito relacionado à própria figura da mulher” (Evaristo, 2018)

Oliveira (2009) ainda acrescenta:

“A autora chama de escrevivência, ou seja, a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” essa escrita carregada de vivência, onde quem nunca teve representação na literatura foi desumanizado em estereótipos, ‘se sente convocado’”.

Desse modo, a escrevivência, ao trazer a escrita de uma vivência, revela o sujeito étnico da negrura como protagonista da história. Em vista disso, introduz nos textos a realidade ao qual o negro está inserido no Brasil, aproximando desse imaginário a realidade, criando uma voz de identificação com o receptor, ou como Cuti (2007) denomina de Leitor ideal. A propósito, como ele mesmo salienta:

“Refiro-me ao leitor negro, feito personagem, com a concepção de um interlocutor negro que habitará o texto”.

Isso se dá na obra Quarto de despejo, visto que no seu lugar de fala Carolina traz a voz dos excluídos e de uma mulher negra e favelada, que ao pensar a si também pensou seu coletivo social. Desta maneira, no próximo parágrafo, abordaremos um pouco sua obra e sua escrevivência.

1.2 QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA – CAROLINA MARIA DE JESUS

O livro Quarto de despejo- diário de uma favelada foi organizado pelo o Jornalista Audálio Dantas, ele edita em 1960 o livro com mais de vinte diários escritos por Carolina Maria de Jesus, O autor cita a importância da obra; revelando sua contundente atualidade e diz: “Assim, Quarto de despejo não é um livro de ontem, mas de hoje. Sua contundente atualidade é dramaticamente demonstrada pelos arrastões que invadiram em 92 as praias da zona sul do Rio de Janeiro”. (Dantas, 1960, pg 5).

A atualidade do processo de escrivência de Carolina de Jesus, em concordância com o texto de Dantas, fica bem anunciada. Sobretudo mostra que a relação de vida e obra não se esgota num determinado período.

Dessa forma, a voz/escrita de Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) cria uma relação de escritor (a) com o leitor (a), a passagem do livro é bem reveladora dessa posição ou processo:

13 de maio: Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da abolição. Dia que comemoramos a liberdade dos escravos. Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes. Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. À chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no seu Manuel vender ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair... Eu tenho dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles bradam. “viva a mamãe”. A manifestação agrada-me. Mas já perdi o habito de sorrir (Jesus, 1960, pg, 27)

Ao transcrever seu cotidiano, a escritora cria uma possibilidade de diálogo entre a escrita e os leitores (as). Trata-se do chamado leitor ou leitora ideal, que faz parte das sistematizações do escritor Cuti. Nesse sentido o leitor vai identificando os personagens na (e com a) sua realidade. Do mesmo modo, Evaristo na sua intervenção conta que: “sua família lia a obra de Carolina “não como leitores comuns, mas como personagens das páginas de Carolina. A história de Carolina era nossa história” (Evaristo, 2010).

Dessa maneira, além da identificação com a vivência de Carolina de Jesus por ser uma mulher negra e moradora de favela e que escreveu literatura, Conceição ressalta o significado por trás dessa escrita:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é

um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (Evaristo, 2010).

No seu lugar de fala, Carolina descontrói o lugar imposto às mulheres negras, que são reduzidas socialmente pelo racismo aos espaços subalternos. Tais elementos dão a configuração da leitora (e leitor) ideal, da coautoria, e do sujeito étnico na escrita.

2 PROBLEMÁTICA

A análise do conceito de escrevivência, a partir do livro Quarto de despejo – diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus, traz a possibilidade do uso do conceito formulado por Conceição de Conceição Evaristo. Em outras palavras, o conceito será usado como chave interpretativa para revelar o negro-vida presente nos textos de autores (as) negros-brasileiros (as). Portanto ficam as seguintes questões:

- É possível analisar o livro Quarto de despejo – diário de uma favela a partir do conceito de Conceição Evaristo de Escrevivência?
- De que maneira a escrevivência contribui para a construção de um leitor Ideal?
- Qual importância das autoras para esse projeto de literatura negro-brasileiro?

3 OBJETIVO

3.1 GERAL

Analisar, tendo como chave interpretativa o conceito de escrevivência, o livro Quarto de Despejo - Diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus.

3.1 ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos serão os seguintes:

- Analisar a relevância da escrevivência para a constituição do sujeito étnico da negrura.
- Compreender de que maneira a concepção de escrevivência contribui para a construção de leitor ideal?
- Refletir como a concepção de “negro-vida” contribuíram e contribuem para construção de uma identidade negra?

4 JUSTIFICATIVA

Estudar a escritora e poetiza Carolina Maria de Jesus, nos proporciona fazer um resgate de sua vida e Obra. O livro Quarto de despejo – diário de uma favelada é a prova da vitalidade, da atualidade e da importância da autora no campo da escrita literária. Penso que este trabalho sobre Carolina é um primeiro passo para melhor a conhecermos como mulher negra, escritora e, sem dúvida, como intelectual, que foi inviabilizada pelo racismo e pelo cânone literário. Assim, esse trabalho nos traz a possibilidade analítica da leitura da obra de Carolina e, ao mesmo tempo, o uso de concepções e chaves interpretativas. A respeito dessas chaves de leitura e análise, destacamos o sujeito étnico na escrita, que revela o negro-vida, as noções de escrevivência e de leitor ideal.

Quanto à relevância do projeto de pesquisa, considerando a minha experiência como aluno da Unilab (universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) durante as aulas de Literatura e Diáspora Negra, pude perceber a forma como a literatura opera como uma ferramenta de descolonização. A partir da literatura negra, autores e autoras (negros) estão ressignificando a historiografia brasileira. Há ainda a elaboração de conceitos e noções textuais da negrura, trazendo o protagonismo e o ponto de vista do sujeito étnico da negrura ou negro (a).

Dessa forma, trazer pra temática a análise da Obra Quarto de Despejo – diário de uma favelada, escrito por uma mulher negra e favelada, iletrada e que escrevia literatura sobre sua realidade de maneira intimamente poética, irá nos propor outro olhar a respeito da sua obra e vida. Vale como justificativa a superação da leitura reducionista, que classificava ou classifica a sua produção apenas no campo da auto-biografia; posição que não revela o sentido e significado literário. Quarto de Despejo constrói uma narrativa que liga a escrita à vida, à memória, à oralidade, ao presente e o passado. E não se limita apenas na redução de uma obra biográfica.

5 REVISÃO DE LITERATURA

Literatura Negro-Brasileira – Carolina Maria de Jesus e a escrevivência.

Alguns conceitos produzidos por autoras, autores e teóricos negros (as) e antirracismo presentes na produção textual trazem na sua abordagem um conjunto de conceitos e chaves interpretativas da literatura negro-brasileira. O escritor e pesquisador Cuti alega que:

A Literatura Negra é localizar uma desconstrução a partir do lugar de onde parte o discurso. Essa desconstrução não diz respeito tão-somente à produção, mas também à recepção ou, melhor dizendo, à relação de ambas. Refiro-me ao leitor negro, feito personagem, com a concepção de um interlocutor negro que habitará o texto. [...]

O pesquisador, de acordo com o informado, também enuncia a necessidade de construção de um leitor ideal elucidando a importância da recepção para a literatura negro-brasileira:

[...] O escritor de ensejar um interlocutor, que poderíamos até chamar de “leitor ideal negro”. [...] os leitores desses textos, que não os acadêmicos, desempenham um papel de relevo para a Literatura Negra. Quase nenhum escritor escreve pensando na academia. Ela não é a destinatária ideal do texto literário. Como está sendo recepcionada a Literatura Negra é uma tarefa interessante de investigar. (Cuti, 2007)

Esses Conceitos, conjugados ou encruzilhados com as noções textuais da negrura, conforme explana o escritor e estudioso Fausto Antônio, são meios para chegar ao conceito do que é literatura negra. Sendo assim:

A problematização do que é literatura afro-brasileira passa ser uma determinação interna. Temos, então, a busca da autoria, a busca da negrura textual que evidencia a passagem do enunciado para autor/escritor. O que é literatura ou o que é literatura negra deriva para a noção textual da negrura. Antecede a noção textual a criação de uma rede na qual se processam os discursos, as ideias, as teorias e sistemas de ações com os quais os (a) escritores (a) vão se contrapor ao racismo brasileiro (Fausto, 2005, pg. 84)

Dialogando com esse enquadramento alguns autores (as) apresentam noções e definições do que poderia ser a literatura negro-brasileira.

Na visão de Domício Proença Filho vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

[...] será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de

modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. Lato sensu, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões particulares aos negros ou aos descendentes de negros (Proença, 1988, pg. 78).

Essas dimensões revelam a perspectiva negra no texto, de acordo com Zilá Bernd (1992):

A linguagem dos textos da negrura marcada, tanto no nível do vocabulário quanto nos dos símbolos, pelo o empenho em resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escritura negra vocacionada a proceder à desconstrução do mundo nomeado pelo o branco e a erigir sua própria cosmogonia

Nesse sentido, Esmeralda Ribeira ainda acrescenta: “a diferença dos escritos afro-brasileiros é a sua capacidade de dar visibilidade às marcas culturais e existenciais que identificam os descendentes de africanos no Brasil”. (apresentação dos cadernos negros 25)

Em outras palavras, essas marcas culturais expressas nos escritos trazem a voz e a grafia do sujeito étnico. Conforme Martins (2007): “a voz e a grafia afro-brasileiras insistentemente inscrevem a memória desse saber e dessa experiência, estética e ontológica, nos repertórios da cultura e da literatura” (Martins, 2007, pag 57).

Dessa maneira, essas vozes/escrita da negrura em formas textuais introduziram o protagonismo e a quebra de estereótipos sobre o negro. Os personagens, no cotidiano e nas manifestações culturais negras, transfiguram essa imagem da realidade para os textos. Tudo é feito pelo mecanismo de aproximar a realidade do cotidiano de negros e negras de um imaginário negro.

Isto se dá com facilidade na obra em prosa de Conceição Evaristo, que no seu lugar de fala constrói personagens que habitam espaços sócias negros, sobretudo, por excluídos sociais. Do ponto de vista de Oliveira (2009) “o universo marginal que a sociedade tenta ocultar o que desvela o intuito de transpor para a literatura toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades”.

Sendo assim, sua prosa materializa o protagonismo e a valorização do lugar de fala de negros. Nesse sentido a concepção de escrevivência é o lugar para revelar o sujeito étnico da escrita assumindo a posição de autoria e de valorização do protagonismo.

A Carolina Maria de Jesus faz parte desse processo de protagonismo e de construção de uma posição que revela o negro-vida. O escritor e ativista Abdias nascimentos, (1978) no livro o “Genocídio do negro brasileiro”, expõe a importância da obra da autora:

O retrato de corpo inteiro da favela paulista está no livro de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*. um terrível testemunho da vida da autora na favela. Traduzido para várias línguas, *Quarto de despejo* é um dos raros livros brasileiros de circulação em vários países: Carolina Maria de Jesus, apesar do êxito internacional do seu livro, acaba de falecer em São Paulo nas mesmas condições de favelada. A Folha de São Paulo, em editorial de 16 de fevereiro de 1977, intitulado "A Catadora de Papéis", se refere a Carolina de Jesus nos seguintes termos: ... foi ao mesmo tempo protagonista e cronista de um dos mais dolorosos dramas desta cidade: o de um submundo habitado por homens e mulheres aos quais falta o mínimo a que têm direito - pela sua simples condição humana. Mais adiante o editorial desvanece qualquer esperança de uma mudança para melhor: ... o retrato sem retoques exposto por essa escritora iletrada permanece sem maiores modificações até hoje. Ao contrário, é até mais pungente, em nossos dias, o quadro que *Quarto de despejo* nos apontava (Nascimento, 1978, pg, 84).

Nessa perspectiva, a escrevivência é a própria vida de Carolina Maria de Jesus , que em quinze anos escrevendo vivências em diários deu origem ao livro *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*.

Sendo essa a realidade de vida e textual de Carolina, a concepção formulada e enunciada por Conceição Evaristo, a escrevivência, é bem pertinente para a leitura e análise da sua obra. Segundo Oliveira (2009): “A autora chama de escrevivência a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”.

Dessa maneira, a escrevivência de Carolina Maria de Jesus serviria de inspiração para então criadora do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo. Em seu dizer, ela conta que sua família lia a obra de Carolina “não como leitores comuns, mas como personagens das páginas de Carolina. A história de Carolina era nossa história” (Evaristo, 2010). Além de referir-se à identificação com a experiência de Carolina de Jesus por ser uma mulher negra e moradora de favela que escreveu literatura, Conceição ressalta o significado por trás dessa escrita:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (Evaristo, 2010).

A propósito disso, da Carolina romper com o lugar reduzido da mulher pelo racismo e com a casta literária, utilizando-se da seguinte argumentação, Miranda (2013) salienta:

Quando Carolina Maria de Jesus surgiu no cenário da literatura, pautada pela exclusividade de uma casta – entendendo aqui que a casta letrada brasileira permeia classes e origens, mas se sustenta numa ordem de gênero e raça. Entretanto, Carolina atingiu um grande público nacional e internacional. E justamente pelo o fato de ter

sido escrita por um sujeito cuja experiência social diferia dos pressupostos históricos da casta letrada brasileira (Miranda, 2013, pg. 68)

A escrevivência de Carolina Maria de Jesus no livro Quarto de Despejo – Diário de uma favelada possibilita um rompimento com o cânone ou com a casta literária brasileira, lugar que encaminha diálogos com os poetas e criadores (as) marginais. Na visão de Miranda(2013):

Carolina Maria de Jesus é uma escritora fundamental para compreendermos a ausência do discurso literário dos autores que estão do lado oposto dessas categorias hegemônicas tanto no cânone literário estabelecido quanto no ensino de base, pois ao contrário das escritoras negras que a antecederam, sua obra alcançou um grande público. O Quarto de Despejo é um livro importante pela complexidade de fatores – característica das grandes obras – que compõe sua trama: observamos, guiados por Carolina, outro ângulo da modernidade da Paulicéia, tão cantada pelos modernistas, e conseqüentemente, da própria cidade. Sua literatura era fruto de suas andanças e da capacidade singular de observação do movimento das coisas e do olhar das pessoas... À narrativa enxuta, direta, seca, soma-se a capacidade de criação de imagens pela metaforização da linguagem: a ironia, a antítese, o paradoxo, a metáfora são recursos recorrentes para a narração de um real específico: a vida dos favelados, de uma forma dramática e lírica. (Miranda, 2013, pg. 2-3).

Assim Quarto de Despejo constrói uma narrativa que liga a escrita à vida, à memória, à oralidade, ao presente e o passado. E não se limita apenas, o que seria uma redução, ao aspecto ou dado de classificação de obra biográfica.

6 METODOLOGIA

Esta pesquisa, conforme exposto anteriormente, vai analisar livro o Quarto de despejo - diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus utilizando o conceito de escrevivência como chave interpretativa.

Sendo assim, para atingir este propósito será levantada uma pesquisa que se encarregará de leituras teóricas e conceitos formulados e relacionados à temática da literatura negro-brasileira e da escrevivência. Para efetuar esta pesquisa serão feitas pesquisas bibliográficas, isto é, “com base em material já elaborado” conforme salienta GIL (2002), “esse tipo de pesquisa é baseado nos matérias já publicadas, matérias impressos, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações, anais de eventos científicos, esse tipo de pesquisa vai ser muito importante para materialização da nossa indagação.”

Evidenciando os procedimentos e instrumentos de coleta de dados, assim como procedimentos e organização para análise de dados, A pesquisa se baseara nas seguintes etapas:

- Levantamento de bibliografia que aborde a escrevivência.
- Pesquisar em plataformas digitais, artigos, documentários, teses, dissertações de mestrado, monografias que trate da literatura negro-brasileira.
- Fichamento dos textos.
- Compreender como autores negros e negras, entre outros, abordam e conceitua a literatura negro-brasileira.
- Analisar o livro Quarto de despejo – Diário de uma Favelada.

Contudo, este projeto de pesquisa está mais voltado para um tipo de pesquisa qualitativa, pois serão mais eficazes para externar as questões referentes a este projeto.

Como exemplifica Chizzotti (2003) “a pesquisa qualitativa parte de uma hipótese, guia com diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas”, essa metodologia irá compreender e analisar melhor as demandas que constam na nossa pesquisa que é entender as questões de como a escrevivência se dar no livro quarto de despejo – diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, fausto. Noções textuais da negrura na série cadernos negros. Pg. 81 -88. Edt. Quilombhoje. Esmeralda Ribeira. Márcio Barbosa (orgs). 2005.
- BARIANI, Edison. Niger sum: guerreiro ramos, o “problema” do negro e a sociologia do preconceito. *Perspectivas*, São Paulo, v. 34, p. 193 - 211, jul./dez. 2008
Acesso: 22/04/2018
- CAMARGO, Oswaldo de. “Disfarce”. In: BERND, Zilá. *Poesia negra brasileira: antologia*. Porto Alegre: AGE/IEL/IGEL, 1992, p. 69.
- CUTI,. A consciência do impacto nas obras de Cruz e Souza e de Lima Barreto. Campinas: Tese de Pós-graduação em Letras, 2005.
- CUTI, Entrevista para Eduardo de Assis Duarte com Maria Nazareth Fonseca e Maria José Somelarte 21 de maio de 2007, São Paulo
Disponível em: <https://www.cuti.com.br/entreveduardo>
Acesso: 17/05/2018
- DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPIR, 2014, vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 245-277.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literatura negra: os sentidos e as ramificações*. Disponível em: www.letra.ufmg.br/literafro
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. 1ª Ed, São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- LORENZO, Silvia Regina Castro. *Literatura negra sob a perspectiva semiótica: o dito e o não-dito*. *Estudos Semióticos*, Número 2, São Paulo, 2006.
Disponível em <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em "dia/mês/ano".
- MACHADO, Marília Novais Da Mata. Os escritos de carolina maria de jesus: determinações e imaginário. *Psicologia & Sociedade*; 18 (2): 105-110; mai./ago. 2006
- MARTINS, Leda Maria. A fina lâmina da palavra. *O eixo e a roda*, Belo horizonte, v. 15, Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues De. Os Caminhos Literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em estudo comparados de literatura de língua portuguesa. Universidade de São Paulo: Faculdade de filosofia , letras e ciências humanas departamento de letras clássicas e vernáculas área de estudos comparados de literatura de língua portuguesa. São Paulo. 2013
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues De. Carolina maria de jesus e a literatura periférica contemporânea. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/Carolina-Maria-de-Jesus-e-a-literatura-perif%C3%A9rica-contempor%C3%A2nea.pdf>_Acesso:22/04/2018

SOUZA, Julianna Rosa De. personagem negra: uma reflexão crítica sobre os padrões raciais na produção dramaturgica brasileira . **Rev. bras. estud. presença**, Porto alegre, v. 7, n. 2, p. 274-295, mai./ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbep/v7n2/2237-2660-rbep-7-02-00274.pdf>

PROENÇA, Filho, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. Rev. Do Instituto de Estudos Avançados. São Paulo. No. 50. Ieb/Usp, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva De. “escrevivência” em becos da memória, de conceição evaristo. Estudos feministas, Florianópolis , v. 17, n. 2, p. 621-623, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf> Acesso: 20/03/2018

SOUZA, Florentina Silva. Afro-descendência em cadernos negros e jornal do MNU. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.